

Ética e psicanálise

Altamirando Matos de Andrade Jr.¹, Rio de Janeiro

O autor busca discutir a relação entre ética e técnica psicanalítica, considerando que Freud, desde o início de seus estudos, já postulava uma ética para o trabalho psicanalítico. Nas cartas a Fliess e também no Projeto, este esboço de uma ética já era mencionado. Vários outros autores, entre eles Klein e Bion, também fundamentaram suas elaborações teórico-clínicas em uma ética baseada na busca da verdade inconsciente do paciente. O autor também especula que é da condição humana ouvir e ser ouvido. Portanto, Freud, ao escutar a queixa de suas pacientes, procurando entender o que se expressava através dos sintomas, da associação livre do paciente e da atenção flutuante do analista, estaria dando sentido a este encontro humano onde um escuta e o outro fala. O texto busca também discutir a origem da ética no homem através das ideias de alguns autores, tais como Chetrit-Vatine, Zwiebel e Nemas.

Palavras-chaves: Psicanálise; Ética; Técnica psicanalítica; Realidade psíquica

¹ Psicanalista, membro efetivo com funções específicas do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Altamirando Matos de Andrade Jr.

A ética e alguns conceitos da psicanálise estão intensamente relacionados, e muitas vezes um é dependente do outro. Freud deu uma ampla importância à escuta do que lhe era apresentado pelos pacientes. Através dela, mudou de ideias e de concepções, além de reformular a sua teoria inicial, passando da sedução para a das fantasias que os pacientes apresentavam sobre suas vivências emocionais e, assim, construindo uma teoria psicanalítica baseada na observação do que experimentava na clínica. Em seu trabalho sobre *O amor de transferência* (1914/1969), ele descreve que a ética está nos fundamentos da técnica psicanalítica, afirmando que o princípio básico da psicanálise é a busca pela verdade do inconsciente do paciente.

Os princípios básicos da ética já estavam presentes nos textos iniciais de Freud (1950 [1895]/1977a), como, por exemplo, o seu texto *O projeto para uma psicologia científica*. Neste trabalho, ainda antes do estabelecimento dos conceitos básicos psicanalíticos, Freud, citado por Scarfone (2014), diz que: “*The initial helplessness of human beings is the primal source of all moral motives*”² (p. 422).

Nas cartas a Fliess (1950 [1897]/1977b), Freud fala de uma moral sexual civilizada e, ainda que só utilizasse este termo mais claramente em artigo posterior, a ideia embrionária já estava presente, como aconteceu ao longo de toda sua obra. Na carta a Fliess acima mencionada, Freud afirma: “o incesto é antissocial e a civilização consiste na renúncia progressiva ao mesmo” (p. 348). Com esta compreensão, creio que Freud estava estabelecendo princípios éticos básicos do funcionamento mental e social humanos. A construção da teoria psicanalítica foi calcada em uma ética, ou seja, a ética da busca da verdade ao longo de toda a obra e vida de Freud. Escutar e buscar compreender o paciente estabeleceu, assim, uma ética para a Psicanálise. Freud foi bem claro quanto a isto no texto *Linhas de progresso na terapia analítica* (1918 [1919]/1976a):

Recusamo-nos, da maneira mais enfática, a transformar um paciente, que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio, em nossa propriedade privada, a decidir por ele o seu destino, a impor-lhe os nossos próprios ideais, e, com o orgulho de um Criador, a formá-lo à nossa própria imagem e verificar que isso é bom. (p. 178)

Etchegoyen acompanha Freud e afirma, em seu livro *Os fundamentos da técnica psicanalítica* (1987), que a ética é a base da técnica, e que aquilo que dá sentido à técnica é exatamente a sua raiz ética. A ética encontra-se de tal maneira imbricada na técnica psicanalítica que se torna difícil separar uma de outra.

² N.R.: “O desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primária de toda moralidade”. (Tradução livre)

Na primeira das seis conferências ministradas por Melanie Klein na Sociedade Britânica e posteriormente publicada por Steiner (2017), ela afirma:

A fundamental respect for the working of the mind and for human nature, which is implicit in all real insight into its laws and economy, also implies a true realization of our limitations, and yet at the same time is the only foundation for a true belief in the curative power of psychoanalysis³. (p. 31)

Vemos que as questões éticas de busca da verdade psíquica dos pacientes permeiam o trabalho dos nossos pioneiros, tais como Freud, Klein e outros, prosseguindo pelos dias atuais com Etchegoyen e muitos outros.

A primeira escrita que se tem conhecimento surgiu através dos sumérios na Mesopotâmia e chama-se escrita cuneiforme, sendo até hoje pouco compreendida. Em seguida, conhece-se a Pedra da Rosetta, a qual foi descoberta na campanha de Napoleão no Egito. Essa escrita – já bastante decifrada – é composta de três outras escritas, os hieróglifos, a Demótica, que é uma escrita egípcia antiga, e, por fim, o grego clássico.

Até onde se sabe, tais escritas informam os hábitos, os costumes, as cerimônias religiosas e outras características do viver dos povos antigos. Na escrita cuneiforme, inicialmente constavam informações sobre transações comerciais. O fato é que, desde sempre, os povos tem necessidade de informar seu tipo de vida, assim como seus hábitos, costumes e comportamentos. Foi assim na antiguidade, e foi assim com os astecas, maias e incas. Sempre o homem escreveu registros de seu cotidiano nas cavernas ou em pedras. Parece-nos, contudo, que algo diferente ocorreu com as pinturas e gravuras de cavernas francesas, as quais tinham um caráter mais religioso de evocação e conjuração.

Acredito que as escritas primordiais, bem como as inscrições nas cavernas, dão uma ideia dos aspectos comportamentais e éticos da vida destes povos. Ao escreverem dados do cotidiano, deixavam junto os registros dos hábitos, do comportamento e dos aspectos éticos. Pode-se pensar que estas escritas foram feitas para que não se perdesse a história e, também, para que não se perdesse o conhecimento do comportamento e das características vivenciais de seus cotidianos. Por outro lado, também sempre houve curiosidade humana sobre a história dos povos, o que levou às escavações aos e estudos sobre a vida na antiguidade. Podemos ainda especular que o homem deixa registros por que tem a intuição

³ N.R.: “Um respeito fundamental pelo trabalho da mente e pela natureza humana, implícito em toda visão real de suas leis e economia, também implica uma verdadeira realização de nossas limitações e, ao mesmo tempo, é a única base para uma crença verdadeira no poder curativo da psicanálise”. (Tradução livre)

Altamirando Matos de Andrade Jr.

de que outro homem irá encontrá-los, estabelecendo assim uma conexão e uma continuidade histórica. Através da literatura, a escrita permite o acesso às mentes de outras pessoas, mesmo que elas estejam mortas há muito tempo.

Faço estas citações sobre as escritas primordiais, permitindo-me uma pequena digressão, a fim de chamar atenção para os aspectos éticos presentes desde o início na comunicação humana e que também existem nas interações entre paciente e analista. A psicanálise propõe uma ética em relação à busca pela verdade do paciente, que apresenta ao analista sua realidade psíquica. Nesta interação, vemos algo muito semelhante ao descrito pelos povos primordiais, pois, no decorrer do processo analítico, entramos em contato com vivências, desejos, emoções, fantasias e sentimentos diversos em que, de uma certa forma, surge o funcionamento do paciente e a sua ética de participação e vivência no mundo. Acredito ser uma necessidade humana falar e ser ouvido, e isto não passou despercebido a Freud quando ele criou o método psicanalítico, postulando a atenção flutuante do analista e a associação livre do paciente como formas de tornar possível o processo analítico.

Sempre foi característica humana falar e necessitar ser ouvido, seja pela fala, seja pela escrita ou outra das diversas formas de expressão artística. Frequentamos museus, lemos livros, assistimos filmes e participamos de muitas formas de comunicação. Precisamos falar e precisamos de alguém que escute. Acredito que o falar e o escutar seja o que Freud compreendeu como algo ético, ou seja, escutar e cuidar do outro e também falar sobre o mundo psíquico dele. Freud era um estudioso dos textos antropológicos e arqueológicos que foram publicados em sua época, os quais descreviam os hábitos e o modo de vida dos povos da antiguidade, inclusive daqueles que criaram as primeiras escritas.

No livro *The mother tongue*, Bill Bryson (1990) descreve que uma das funções da linguagem é comunicar pensamentos e que alguns linguistas, dentre eles Noam Chomsky, afirmam existir uma capacidade inata para aprender línguas. Podemos pensar que o indivíduo nasce com um potencial inato para se comunicar pela linguagem e que, em certos casos, este potencial é desviado de suas funções, levando a dificuldades em expressar pensamentos ou até mesmo em organizar pensamentos de uma maneira clara.

A genialidade inicial de Freud consistiu em perceber esta característica humana, dando ouvidos às queixas das pacientes e tentando compreender o significado oculto dos sintomas. Posicionou-se diante delas com acuidade e paciência, o que lhe permitiu observar os fenômenos apresentados através dos sintomas históricos. Por meio de suas observações, foi capaz de conceituar as noções de inconsciente dinâmico, sexualidade como etiologia das neuroses, transferência, resistência, instintos e todo um arcabouço técnico para lidar com as manifestações

do inconsciente dinâmico. Muita pesquisa clínica coube a Freud, levando-o inicialmente a um isolamento científico, no qual, através de sua autoanálise, chegou à compreensão psicanalítica dos sonhos como via régia do inconsciente, à teoria do trauma e ao posterior abandono desta pela teoria da fantasia inconsciente.

Zwiebel (2019), citando Beauchamp & Childress, chama a atenção para valores éticos gerais e específicos da psicanálise:

In as far as psychoanalytic practice is therapeutic practice – (I'd like to call to mind Freud's package deal of exploration and healing- Forschen und Heilen) – psychoanalysts are subject to the generally accepted medico-ethical principles phrased by Beauchamp and Childress: Autonomy – The right for an individual to make his or her own choice; Beneficence – The principle of acting with the best interest of the other in mind; Non-maleficence – The principle that “above all, do no harm,” as stated in the Hippocratic Oath; Justice – A concept that emphasizes fairness and equality among individuals.⁴ (p. 1)

Considerações específicas da situação analítica, tais como trabalho com o inconsciente, atenção flutuante, associação livre, transferência, resistência, escuta, abstinência, *setting* e outros, colocam-nos em uma dimensão ética no que diz respeito à especificidade do fazer psicanalítico. Cada conceito técnico descrito acima apresenta uma série de considerações sobre o funcionamento da psicanálise e, mais especificamente ainda, do analista em questão.

Todas estas questões não só nos colocam diante do que seria possível ser considerado um trabalho psicanalítico, mas também apresentam sua contraparte, que seriam os eventos indesejáveis surgidos quando há uma quebra do enquadre, como desvios de conduta, incompetência do analista, violação de limites e fronteiras, erros do tratamento etc. A dimensão do relacionamento analista-paciente põe a dupla analítica em um mundo de sentimentos, sensações e experiências emocionais que precisam ser pensadas, sentidas e elaboradas em benefício do tratamento. O analista é o responsável por garantir o enquadre da situação analítica através da escuta e da compreensão dos fenômenos que surgem no campo. Qualquer quebra

⁴ N.R.: “Na medida em que a prática psicanalítica é uma prática terapêutica – (gostaria de lembrar o pacote de exploração e cura de Freud – Forschen und Heilen) –, os psicanalistas estão sujeitos aos princípios médico-éticos geralmente aceitos, expressos por Beauchamp e Childress: Autonomia – O direito de um indivíduo a fazer sua própria escolha; Beneficência – Princípio de agir tendo em vista o melhor do outro; Não maleficência – O princípio de que ‘acima de tudo, não faça mal’, conforme declarado no Juramento de Hipócrates; Justiça – Um conceito que enfatiza justiça e igualdade entre os indivíduos”. (Tradução livre)

Altamirando Matos de Andrade Jr.

destes princípios torna necessário o entendimento do ocorrido e o restabelecimento da relação analítica.

No entanto, quando quebras graves ocorrem, ainda mais se forem repetidas, e sendo estas de responsabilidade do analista, o processo analítico e o paciente se veem à deriva, vítimas de tais erros graves. Estas questões são delicadas e, além de sua compreensão dentro do campo analítico, também é necessário que sejam trabalhadas e escutadas por outros colegas que venham a compor um comitê de ética. Este visa a reparar danos causados ao paciente, à psicanálise e à profissão, assim como também permite que o analista possa encontrar meios de refletir sobre seu próprio funcionamento, abrindo possibilidade para reparações. Sabemos que danos causados por violações éticas aos pacientes também acarretam danos à profissão e à instituição a qual este psicanalista encontra-se ligado. Em uma instituição, a disseminação de rumores de violação ética por parte de um analista desencadeia angústias e sentimentos diversos, sendo necessário um trabalho de contenção e elaboração, mantendo a confidencialidade e a privacidade requeridas pelo caso. É um paradoxo difícil, pois, ao mesmo tempo em que é necessário elaborar os temas na instituição, também é importante preservar a privacidade dos envolvidos. O analista, sendo o guardião dos aspectos éticos, ao prevenir qualquer transgressão, também deve permitir que possíveis e inevitáveis erros e/ou transgressões sejam colocados em cena e trabalhados adequadamente. Este trabalho de elaboração sobre quebras éticas em uma instituição é o que originaria possíveis reparações. Se, por um lado, o analista funciona como quem deve prevenir, por outro não pode evitar o trabalho surgido a partir de eventuais erros. Talvez o divisor de águas esteja no grau, na intensidade e nas repetições dos aspectos transgressores de uma relação analítica. Sabemos que muitos erros ocorrem de maneira imperiosa, sem controle ou possibilidade de contenção pelo analista, devendo, portanto, serem pensados e/ou elaborados no contexto analítico e, por extensão, através de comitês de ética.

A construção da identidade analítica ocorre através de um vai e vem contínuo entre o que sentimos, o que somos e o que apreendemos. Entre os diversos autores e figuras importantes as quais tomamos como referência, construímos e desconstruímos romances familiares e, neste percurso, acabamos construindo uma identidade calcada também em valores éticos e em nossa experiência clínica. Estamos continuamente passando por um processo de elaboração de nossas ideias e modelos identificatórios, o que nos coloca em um longo processo de desenvolvimento de nossa própria identidade psicanalítica e, também, em uma formação analítica interminável.

O comprometimento do analista é com o seu paciente e com a psicanálise, fazendo com que o nosso foco seja a verdade do paciente, a sua realidade psíquica.

Disto surge a necessidade de confidencialidade e de proteção àquilo que nos é comunicado. No entanto, em alguns países existem exigências, por parte das autoridades jurídicas, sobre informações de pacientes sob julgamento e que o analista tem por obrigação legal informar. É uma questão difícil, eis que quebra o princípio ético do relacionamento analítico.

Crianças que sofrem abuso, o analista deve comunicar aos pais e/ou às autoridades jurídicas? Existem muitas ideias sobre o assunto, ideias estas que contemplam tanto a informação como o sigilo. Mas, quando uma sociedade exige que a informação é obrigatória, é essencial proteger a criança, ao passo que, quando esta decisão é posta nas mãos do analista, deve-se ter como princípio o que pode ser melhor para a criança e para o tratamento psicanalítico em curso. Estes são temas debatidos recentemente no Comitê de Ética da IPA, quando ocorreu uma discussão sobre a atualização do código de ética. Dou aqui este exemplo para mostrar como somos constantemente desafiados em nosso trabalho em relação aos princípios éticos, sejam tais desafios intrínsecos à situação analítica, sejam externos a ela.

Os princípios éticos não são uma condição inata, mas são construídos a partir do desenvolvimento do psiquismo humano, da necessidade de controlar a agressividade e as forças da natureza e, principalmente, da convivência social. Em outras palavras, é um processo a ser alcançado e desenvolvido. Antônio Damásio (2003), a partir de uma elaboração das ideias de Spinoza sobre ética, diz que ela é um produto da seleção natural do desenvolvimento do ser humano.

Viviane Chetrit-Vatine (2018) elaborou ideias interessantes e originais sobre a origem ética. A autora afirma:

The question of the psychoanalyst's ethics, that I define following Emanuel Levinas as 'Asymmetrical emotionally loaded responsibility for the other', is in my view intrinsically linked to the present conception of the psychoanalytic practice envisaged as an inter-human relationship. Contemporary humanity, after Shoah and in front of all the other crimes perpetrated by humanity against humanity, wounded by the events that have traversed it and continue to traverse it, is deeply destabilized by the gap between, on the one hand, its psychic means, and, on the other, the increasingly rapid development of technologies and of their impact on the modalities of 'dying', of 'giving life' and of 'living'. Our patients are suffering from difficulties related in one way or other to this state of facts.⁵ (p. 1)

⁵ N.R.: "A questão da ética do psicanalista, que defino seguindo Emanuel Levinas como 'responsabilidade assimétrica emocionalmente carregada em direção ao outro', está, em minha opinião, intrinsecamente ligada à presente concepção da prática psicanalítica vista como uma relação inter-humana. A humanidade contemporânea, depois de Shoah e diante de todos os outros crimes

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Baseado nas ideias de Levinas e Laplanche, Chetrit-Vatine (2014) concebe uma nova hipótese sobre a origem da ética. Diz a autora:

But I see this human ethical capacity as primarily based upon the traces left in the new born and then, child's psyche 'zone of infinity' by the enigmatic-ethical messages proffered by the adults in charge of the infant and child's care (when I speak of the psyche zone of infinity I am referring to Rudy Vermote building on the late Bion). I propose that these traces will stay at the basis of the later identifications, working eventually as attractors of such identifications. These enigmatic-ethical messages, necessarily also compromised by the parents repressed sexual unconscious, are proffered during reiterated transformations occurring in the adult's psyche, following the ethical shock they are subjected to, when confronted with the violence provoked by the encounter with the child fragility, his/her entire dependency- and the hate it may incite (hate that I see as the expression of their sexual death drives) and also with the grandeur of its existence. As I allude before I have suggested that this adult ethical capacity is connected with the feminine maternal existing in any human subject and I have coined the result of this reiterated transformation 'a matricial space position'.⁶ (p. 4)

Em relação ao encontro analítico, a autora afirma que o encontro reiterado com os pacientes provoca e reativa no analista o mesmo tipo de fenômeno que ocorre com os pacientes, incitando neles, em conjunto com a sedução primária transferencial, uma *matricial space transference* (Chetrit-Vatine, 2004).⁷

cometidos pela humanidade contra ela mesma, ferida pelos incidentes que a atingiram e continuam a atingir, está profundamente desestabilizada pela lacuna entre, por um lado, seus meios psíquicos e, por outro lado, o desenvolvimento cada vez mais rápido das tecnologias e de seu impacto nas modalidades de 'morrer', de 'dar vida' e de 'viver'. Nossos pacientes estão sofrendo de dificuldades relacionadas, de uma forma ou de outra, à condição destes fatos". (Tradução livre)

⁶ N.R.: "Mas eu vejo essa capacidade ética humana baseada principalmente nos traços deixados no recém-nascido e na 'zona do infinito' da psique infantil pelas mensagens ético-enigmáticas expressadas pelos adultos encarregados do cuidado do bebê e da criança (quando falo da zona do infinito da psique, estou me referindo à Rudy Vermote, cujas elaborações baseiam-se nos trabalhos finais de Bion). Proponho que esses traços ficarão na base das identificações posteriores, funcionando eventualmente como atratores de tais identificações. Essas mensagens ético-enigmáticas, comprometidas pelo inconsciente sexual reprimido dos pais, são proferidas durante reiteradas transformações ocorridas na psique do adulto, seguindo o choque ético a que é submetida ao se deparar com a violência provocada pelo encontro com a fragilidade do filho, toda a sua dependência – e o ódio que pode incentivar (ódio que vejo como a expressão de sua pulsão de morte sexual) e também com a grandeza de sua existência. Como aludi antes, sugeri que esta capacidade ética adulta está conectada à existência materna feminina em qualquer sujeito humano e cunhei o resultado desta reiterada transformação como 'posição espacial matricial'". (Tradução livre)

⁷ N.R.: "Transferência espacial matricial". (Tradução livre)

As considerações de Chetrit-Vatine (2014) mostram que os princípios éticos vão muito além do pragmático conjunto de obrigações profissionais ou compromissos, levando-nos a entender a ética psicanalítica como se estivesse relacionada com algo enigmático e fundamental para a condição humana, ou seja, algo que se encontra na raiz de todo relacionamento humano.

Bion (1967) propõe-nos um modelo para a apreensão da realidade psíquica do paciente, que é o estado de sem memória, sem desejo e sem compreensão, modelo que permitiria o surgimento do material do paciente sem intromissão do analista e das suas expectativas. Esta postura preconizada por Bion oferece uma importante ideia sobre o papel ético do analista em relação ao seu paciente. É preciso investigar a realidade psíquica, mas não pode ser de qualquer maneira. Precisa-se ter uma disciplina ancorada em um estado de mente que possibilite esta investigação e que, ao mesmo tempo, esteja ancorada em uma postura ética de não intromissão e/ou manipulação do material inconsciente que emerge. São diversas as facetas éticas surgidas no trabalho analítico, e todas elas confirmam o que falei previamente a respeito da imbricação entre ética e técnica psicanalítica.

Além das considerações psicanalíticas, filosóficas e sociológicas da ética em relação à psicanálise, temos de encarar as violações éticas e os seus desdobramentos. Como disse acima, a violência de uma quebra ética por parte de um analista afeta o paciente e também a instituição. Existem diversos tipos de violência que provocam ou reacendem traumas, ainda que seja mais comum falarmos de violações sexuais entre analista e paciente, o que pode ser concreto ou insinuado, mas que leva a possíveis quebras na capacidade simbólica do paciente no momento em que torna concretas as fantasias que deveriam ser entendidas e sentidas como fantasias e não atuadas. Falamos em uma ética da verdade e também em uma ética da responsabilidade com o outro e, neste caso de violações sexuais, a responsabilidade não é só quebrada, mas atacada em seu valor intrínseco. Na verdade, existe uma inversão de valores, onde a ética é posta a serviço de alguém e não o contrário, quando alguém se adapta às condições éticas da profissão, da vida e da convivência entre os cidadãos. A ética não pode adaptar-se a uma profissão, mas esta profissão, sim, que deveria adaptar-se à ética.

Gabbard e Lester (1995) têm interessantes trabalhos e ideias sobre violações sexuais, e remeto os leitores a estes autores.

Em seu texto para o Webinar da IPA sobre Ética (2018), Howard Levine (2018) propõe que reuniões abertas na comunidade, onde os aspectos públicos da situação podem ser discutidos, são essenciais para o processo de elaboração de violações sexuais por parte do analista. Contudo, também afirma Levine que seria um processo delicado pela confidencialidade que envolve os fatos e os envolvidos,

Altamirando Matos de Andrade Jr.

mas reitera a necessidade de discutir e pensar dentro da instituição sobre o ocorrido a fim de encontrar possibilidades de esclarecer, tanto para os membros quanto para os profissionais de saúde mental, que suas considerações e queixas serão bem-vindas e que a integridade do processo analítico é levada em alta consideração.

Não podemos esquecer a exclamação de Goya: “*El sueño de la razón produce monstruos!*”⁸. Tampouco a de Shakespeare: “*Though this be madness, yet there is method in ’it*”⁹. Estas duas citações convidam-nos a refletir sobre a condição humana e sobre o que se passa na mente humana, dando uma ideia de que é possível acessar a loucura e os monstros produzidos nos sonhos. No entanto, fazer isto nos põe também em contato com uma ética de compreensão do humano.

Ainda quanto à questão da instituição, ela diz respeito aos candidatos, aos membros e a todos os envolvidos, mas também possibilita uma discussão sobre privacidade, sigilo e confidencialidade, fatores que estão no cerne de uma instituição psicanalítica. Clara Nemas (2019) é muito inteligente sobre estes aspectos em seu comentário a respeito do trabalho de Zweibel durante o Encontro de Diretores de Instituto no Congresso da IPA em Londres (2019):

*It touches upon the personal effect on the candidate of this difficult situation, but opens up a whole discussion about privacy, secrecy and confidentiality in the intimacy of a psychoanalytic institution. I emphasise still another aspect, which I think could be considered as part of the analytic attitude, which is the quality of discretion. This is something analysts sometimes don't take into account in their everyday exchanges: I knew through a patient that...I know this from the couch... I am not sure there is enough reflection on this, as it does not take into account the premise that what the patient tells the analyst needs to be considered as material and not as facts. Do we promote this kind of awareness among our candidates? And among ourselves?*¹⁰ (p. 3)

Os relacionamentos entre analistas e entre estes e os candidatos na instituição é um verdadeiro desafio aos princípios éticos, pois precisamos ensinar, avaliar,

⁸ N.R.: “O sonho da razão produz monstros”. (Tradução livre)

⁹ N.R.: “Embora seja uma loucura, ainda assim há um método nisso”. (Tradução livre)

¹⁰ N.R.: “Aborda o efeito pessoal no candidato desta difícil situação, mas abre toda uma discussão sobre privacidade, sigilo e confidencialidade na intimidade de uma instituição psicanalítica. Ênfase ainda outro aspecto, que acho que poderia ser considerado parte da atitude analítica, que é a discrição. Isso é algo que os analistas às vezes não levam em conta em suas trocas cotidianas: Eu soube por um paciente que... eu sei disso do divã... Não tenho certeza se existe reflexão suficiente sobre isso, já que não se leva em conta a ideia de que o que o paciente diz ao analista precisa ser considerado material e não fatos. Promovemos esse tipo de conscientização entre nossos candidatos? E entre nós?”. (Tradução livre)

selecionar, supervisionar e, ao mesmo tempo, tratar. São paradoxos que necessitam ser levados em conta a fim de se manter uma ética que não empobreça as relações importantes para o desenvolvimento da instituição e das formações analíticas, mas também não gere confusões entre diferenças e assimetrias existentes. Assimetrias que não são necessariamente verticais, mas, ainda assim, são assimetrias.

Não é à toa que Freud (1925/1976b, 1937/1975) disse que a psicanálise era uma profissão impossível, ao lado de educar e de governar. Freud considerava que são necessárias e fundamentais, mas também são profissões que sempre vão trazer a ideia implícita de uma não satisfação total.

Muitos analistas descrevem o mundo atual como sendo um lugar acelerado, sem tempo necessário para refletir, para pensar e até mesmo para ter relacionamentos analíticos longos. Estas questões apresentam uma série de desafios, tais como a diminuição de busca por análise em muitos países, ou o problema de envelhecimento dos analistas, ou ainda os problemas financeiros que assolam certas sociedades. Temos que pensar em como encarar e resolver estas questões sem perdermos a especificidade do método psicanalítico, o que é um grande desafio. Ser ético com os pacientes é ser ético com a Psicanálise, uma vez que temos o compromisso com seus princípios e com a transmissão da psicanálise para as gerações futuras.

Charles Baekland (2018), no site *Consulta Baekeland – Psychoanalyst in Madrid*, afirma:

*Psychoanalysis also has a social responsibility to spread the knowledge it has gained about human emotional functioning to the greater community. For instance, no matter how many areas of life are accelerating in the West thanks to technological progress, there are human timeframes that must be respected: the time to raise children, the time to learn, the time to work through and resolve emotional suffering deeply and durably. Not everything in the life of a human being can be accelerated.*¹¹ (p.1)

Esta afirmação de Beakland demonstra que certas particularidades da psicanálise chocam-se com aquilo que muitas vezes é descrito como fazendo parte dos tempos atuais, sendo preciso refletir e buscar soluções sem perder de vista a realidade externa ou a realidade psíquica dos pacientes. Trabalhamos muitas vezes

¹¹ N.R.: “A psicanálise também tem a responsabilidade social de espalhar para a comunidade em geral o conhecimento adquirido sobre o funcionamento emocional humano. Por exemplo, não importa quantas áreas da vida estejam se acelerando no Ocidente graças ao progresso tecnológico, há etapas do ser humano que devem ser respeitadas: o momento de criar os filhos, de aprender, de trabalhar e de resolver o sofrimento emocional de uma maneira profunda para que seja duradouro. Nem tudo na vida do ser humano pode ser acelerado”. (Tradução livre)

Altamirando Matos de Andrade Jr.

no fio da navalha, mas devemos seguir buscando meios de desenvolvimento do trabalho nos diversos contextos sociais.

Freud era um intelectual, um homem impregnado de cultura. Acredito que possamos inclusive considerá-lo como um representante da própria cultura, uma vez que, graças à sua intensa acuidade intelectual e comprometimento, seus trabalhos tornaram-se fontes de citações para escritores, filósofos, artistas e outras pessoas da área cultural. Viveu plenamente seu tempo, e sempre esteve conectado com a realidade social em que estava inserido. Não transigiu dos seus princípios, aceitou os desafios e sofreu com as críticas e com os ataques que vinham tanto de fora quanto de dentro da psicanálise. Manteve-se fiel aos seus princípios e àquilo que acreditava ser a verdade psíquica dos seus pacientes. Construiu a psicanálise inicialmente através de sua autoanálise. Analisou os próprios sonhos e sintomas, dividindo esta tarefa com seu amigo Fliess através de inúmeras cartas. Verdadeiro tributo à ética psicanalítica! Este grande legado que nós recebemos constitui-se em um patrimônio a ser transmitido às futuras gerações, mantendo os princípios éticos e psicanalíticos da obra e da vida de Freud.

Mais acima comentei sobre os desafios que temos em nosso exercício diário da psicanálise, e agora darei um pequeno exemplo deste desafio. Este exemplo foi apresentado por mim no IPA Webinar *On ethics in psychoanalytic practice* em 2018 (Andrade Jr., 2018):

Uma paciente estrangeira mudou-se para o nosso país a fim de acompanhar o marido no novo trabalho dele. No seu país, ela fazia análise e, quando chegou aqui, solicitou uma entrevista e reiniciou a análise. Iniciamos com quatro sessões semanais. Logo me avisou que, em seu país, ela era nobre, pertencendo aos altos extratos sociais, e que, devido a isto, estava acostumada a ser tratada como tal. Portanto, eu deveria me dirigir a ela de modo reverente e formal, de acordo com os princípios de sua cultura.

Eu não poderia perturbá-la ou mesmo lhe dizer coisas desagradáveis. Percebi que a paciente, durante toda a sua vida, tinha sido tratada de uma maneira em que não poderia ser contrariada ou levada a encarar problemas pessoais ou familiares. No início do tratamento, foi difícil interpretar o material trazido porque a paciente considerava que eu não estava sendo respeitoso e que deveria seguir os princípios de sua cultura e nobreza para estar em sintonia com ela. Embora tal comportamento fosse um modo de me comunicar seu funcionamento mental, a paciente também estava de acordo com os próprios padrões culturais dentro e fora do consultório, o que lhe causava uma série de desconfortos em seu meio ambiente social. Tentando trabalhar aos poucos toda esta situação com a paciente, chegamos à compreensão que ela estava imersa em sua cultura e sofrendo

bastante por estar numa cultura diferente, ainda mais por estar fazendo análise com alguém muito estranho a ela. Tudo isto lhe causava um sofrimento enorme e um sentimento de vergonha que a fazia se desesperar.

Embora eu pudesse, muitas vezes, entender e respeitar as diferenças culturais entre nós, a situação era que ela usava a própria cultura para não me permitir tocá-la, chegar próximo. Tudo foi muito difícil até o momento em que foi possível ajudá-la a pensar sobre si mesma, aceitando que eu não era seu vassalo, conforme tinha sido mencionado por ela ao longo das sessões.

A questão que surgiu para mim era como trabalhar os aspectos da vida mental da paciente, comunicados por fantasias, vivências pessoais e culturais, e, ao mesmo tempo, preservar o respeito pela sua cultura. Para se manter em uma postura ética, o analista deve comunicar ao paciente a sua verdade psíquica, percebida através do vínculo transferencial-contratransferencial, e também deve ser capaz de compreender como esta comunicação precisa ocorrer. No caso em questão, eu pensava que, ao interpretar o que percebia, muitas vezes parecia que entrava em choque com a sua cultura e, principalmente, com a maneira por meio da qual a paciente organizou as próprias vivências emocionais através de sua cultura. Percebia que era necessário respeitar seus preceitos culturais e éticos, mas também devia interpretar aquilo que era percebido por mim.

Como disse acima, aos poucos fomos construindo uma narrativa e um modo de comunicação através do qual eu reconhecia as suas vivências e exigências culturais, mas também acrescentava uma compreensão do que eu percebia. No entanto, durante muito tempo ficou para mim que eu deveria respeitar a cultura da paciente como um imperativo ético, ainda que, a princípio, eu não conseguisse mostrar para ela aquilo que compreendia a seu respeito.

Este é um exemplo dentre muitos, e que serve para ilustrar os possíveis problemas éticos e técnicos com os quais nos deparamos no trabalho analítico, colocando-nos na posição de mantermos a nossa postura psicanalítica, independente dos desafios e problemas que possamos encontrar. □

Abstract

Ethics and psychoanalysis

The author seeks to discuss the relationship between ethics and psychoanalytic technique, considering that Freud, since the beginning of his studies, already postulated an ethics for psychoanalytic work. In the letters to Fliess and also in the Project, an outline of ethics was already mentioned. Several other authors, including

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Klein and Bion, also based their theoretical-clinical elaborations on an ethics based on the search for unconscious truth of the patient. The author also speculates that it is proper of the human condition to hear and be heard. Therefore, Freud, while listening his patient's complaints, trying to understand what was expressed through symptoms, the free association of the patient and the fluctuating attention of the analyst, was giving meaning to this human encounter where one listens and the other speaks. The paper also seeks to discuss the origin of ethics through the ideas of some authors, such as Chetrit-Vatine, Zwiebel and Nemas.

Keywords: Psychoanalysis; Ethics; Psychoanalytic technique; *Psychic reality*

Resumen

Ética y psicoanálisis

El autor busca discutir em su texto la relación entre ética e técnica psicoanalítica considerando que Freud, desde el inicio de sus estudios, ya postuló una ética para el trabajo psicoanalítico. En las cartas a Fliess y también en el Proyecto, ya se mencionaba este esquema de una ética. Varios otros autores, incluido Klein y Bion, también basan sus elaboraciones teórico-clínicas en una ética basada en la búsqueda de la verdad inconsciente del paciente. El autor también piensa que la condición humana de escuchar y ser escuchado. Por tanto, Freud, escuchando la queja de sus pacientes, tratando de comprender lo que se expresa a través de los síntomas, de la libre asociación del paciente y la atención flotante del analista, estaría dando sentido a este encuentro humano donde uno escucha y el otro habla. El texto también busca discutir el origen de la ética en el hombre a través de las ideas de algunos autores como Chetrit-Vatine, Zwiebel e Nemas.

Palabras clave: Psicoanálisis; Ética; Técnica psicoanalítica; Realidad psíquica

Referências

- Andrade Jr., A.M. (2018). Ethics principles with patients. *Paper presented to the IPA Webinar on Ethics in Psychoanalytic Practice, London 2018.*
- Baekeland, C. (2018). Consulta Baekeland - Psychoanalyst in Madrid. Recuperado de <https://www.consultabaekeland.com>
- Bion, W.R. (1967). Notes on memory and desire. *The Psychoanalytic Forum*, 2: 272-273, 279-290.

- Bryson, B. (1990). *The mother tongue. English and how it got that way*. New York: William Morrow.
- Chetrit-Vatine, V. (2004). Primal seduction, maternal space and asymmetry in the psychoanalytical encounter. *The International Journal of Psychoanalysis*, 85(4), 841-846.
- Chetrit-Vatine, V. (2014). *The ethical seduction of the analytical encounter: the feminine-maternal origins of responsibility for the other*. London: Karnac/IPA Publication.
- Chetrit-Vatine, V. (2018). The asymmetrical emotionally loaded responsibility for the other: the analyst's matricial space position. *Paper presented to the IPA Webinar on Ethics in Psychoanalytic Practice, London 2018*.
- Damasio, A. (2003). *Looking for Spinoza: joy, sorrow, and the feeling brain*. San Diego: Harcourt Trade/London: Harvest Books.
- Etchegoyen, R.H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1969). Observações sobre o amor transferencial. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.23, pp.241-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1976a) Linhas de progresso a terapia psicanalítica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em [1918] 1919)
- Freud, S. (1976b). Prefácio à 'Juventude desorientada', de Aichhorn. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.19, pp. 339-343). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1977a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 387-529). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Freud, S. (1977b). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 243-380). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1897])
- Gabbard, G.O. & Lester, E.P. (1995). *Boundaries and boundary Violations in psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- Levine, H.B. (2018). Analyst-patient sexual boundary violations: individuals, institution and the general public. *Paper presented to the IPA Webinar on Ethics in Psychoanalytic Practice, London 2018*.
- Nemas, C. (2019). Discussion of the paper by Dr. Ralf Zwiebel 'How to face ethics issues in training societies and institutes'. *DOT – Meeting -IPAC London 2019*.
- Scarfone, D. (2014). *Preface: Chetrit-Vatine V. The ethical seduction of the analytic situation*. London: Karnac/IPA Publication.
- Steiner, J. (Ed.) (2017). *Lectures on technique by Melanie Klein*. London: Routledge.

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Zwiebel, R. (2019). How to face ethics issues in training societies and institutes. *Paper presented for discussion at the Director of Training Institutes Meeting in the IPA London Congress, 2019.*

Recebido em 31/08/2020

Aceito em 16/11/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Altamirando de Andrade

Rua Jardim Botânico, 674/617

Jardim Botânico

22461-000 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

altandr@msn.com

© Revista de Psicanálise – SPPA